

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano V | Volume 13 | Nº 38 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7684817>



## FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO SEXUAL: O RETRATO DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

Ana Paula Cler Mendel<sup>1</sup>

Jean Carlos Miranda<sup>2</sup>

### Resumo

A abordagem de temas relacionados à Educação Sexual nas escolas tem se tornado, recentemente, um grande desafio para professores e demais profissionais da Educação. Dentre as questões envolvidas nessa problemática, destacam-se os tabus que permeiam a Educação Sexual, a influência de grupos conservadores e religiosos, e a ausência de diálogo nas famílias que, associados à uma formação de professores deficitária, dificultam a abordagem de questões relacionadas à temática no ambiente escolar. O presente trabalho tem por objetivo conhecer a realidade do curso de licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia), do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense (INFES-UFF), no que tange a abordagem da Educação Sexual nas disciplinas que compõem o currículo, de forma a identificar as que abordam questões pertinentes à temática, além de conhecer as opiniões e percepções dos licenciandos do curso sobre aspectos à ela relacionados, bem como a maneira como é abordada durante a graduação, de forma a identificar possíveis lacunas existentes em seu processo formativo. Para tal, foi realizada, por meio de documentos oficiais do curso, uma análise dos objetivos e ementas de todas as disciplinas que compõem o currículo. A coleta de dados dos licenciandos se deu por meio da aplicação de um questionário, composto por 13 questões, criado no *Google Forms*, distribuído por meio de e-mail institucional e aplicativos de mensagens, o qual obteve 56 respostas. A análise dos objetivos e ementas das disciplinas identificou que apenas duas: Anatomia e Fisiologia Humana (obrigatória) e Diversidade Cultural, Gênero e Sexualidade (optativa) abordam temas ligados à Educação Sexual. Dentre os dados acerca das opiniões e percepções dos licenciandos sobre a Educação Sexual, destaca-se que aproximadamente 70% deles consideraram que não receberam, por meio das disciplinas oferecidas na graduação, uma formação que lhes dê segurança e ferramentas para trabalhar a temática em sala de aula. A necessidade de criação/implementação de uma disciplina que trabalhe especificamente temas relacionados à Educação Sexual foi apontada por 96,4% dos licenciandos participantes da pesquisa. A fim de atender a essa demanda, é proposta a criação da disciplina Tópicos em Educação Sexual, de forma a contribuir para uma melhor formação inicial desses futuros professores.

**Palavras Chave:** Ciências Naturais. Educação Sexual. Formação de Professores.

### Abstract

The approach of themes related to Sex Education in schools has become, recently, a major challenge for teachers and other education professionals. Among the issues involved in this problem, we highlight the taboos that permeate Sex Education, the influence of conservative and religious groups, and the absence of dialogue in families which, associated to a deficient formation of teachers, make it difficult to address issues related to the theme in the school environment. The present work aims to know the reality of the undergraduate course in Natural Sciences (Biology emphasis) at the Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense (INFES-UFF), regarding the approach of Sex Education in the subjects that compose the curriculum, in order to identify those that address issues relevant to the theme, in addition to knowing the opinions and perceptions of undergraduate students of the course about aspects related to it, as well as the way it is addressed during graduation, in order to identify possible gaps in their training process. To this end, an analysis of the objectives and syllabi of all the disciplines that make up the curriculum was carried out using official course documents. The data collection from the undergraduates took place through the application of a questionnaire, composed of 13 questions, created in Google Forms, distributed through institutional e-mail and messaging applications, which obtained 56 answers. The analysis of the objectives and syllabi of the disciplines identified that only two: Human Anatomy and Physiology (mandatory) and Cultural Diversity, Gender and Sexuality (optional) address topics related to Sex Education. Among the data about the undergraduate students' opinions and perceptions about Sex Education, it is noteworthy that approximately 70% of them considered that they did not receive, through the disciplines offered during graduation, a training that would give them the security and tools to work with the theme in the classroom. The need to create/implement a discipline that works specifically with themes related to Sex Education was pointed out by 96.4% of the undergraduate students participating in the research. In order to meet this demand, the creation of the subject Topics in Sex Education is proposed, in order to contribute to a better initial training of these future teachers.

**Keywords:** Natural Sciences. Sex Education. Teacher Training.

<sup>1</sup> Licencianda em Ciências Naturais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [anamendel@id.uff.br](mailto:anamendel@id.uff.br)

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em Ciências (Ecologia). E-mail: [jeanmiranda@id.uff.br](mailto:jeanmiranda@id.uff.br)



## INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970, muitos debates sobre a formação de professores estiveram relacionados a teorias educacionais, grades curriculares e bases metodológicas. Dessa forma, muitos são os âmbitos que envolvem a formação de professores, dentre os quais estão as políticas educacionais e culturais, como também o uso da educação como forma de reivindicar causas sociais. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, publicada em 1971 (Lei 5692/1971), houve grandes mudanças no contexto educacional brasileiro, como por exemplo, a possibilidade de abordagem de questões ligadas à sexualidade humana, por meio da inclusão obrigatória de Programas de Saúde no currículo escolar (SILVA; MEGID NETO, 2006).

A escola é um importante espaço socializador, onde são pautadas questões importantes e urgentes. Por essa razão, é necessário que os professores estejam capacitados e sintam-se confortáveis para abordar temas delicados, como aqueles relacionados à Educação Sexual de crianças e adolescentes. Importante destacar que a adolescência é uma fase do desenvolvimento caracterizada por profundas alterações físicas, mentais e emocionais; um período de transição entre a infância e a juventude. De acordo com Osório (1992), a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo como um elemento estruturador da identidade do adolescente. Nesse contexto, torna-se ainda mais relevante a efetivação da Educação Sexual.

Entende-se por Educação Sexual o processo que possibilita o conhecimento acerca de temas relacionados à sexualidade, infecções sexualmente transmissíveis (IST), métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, reconhecimento e prevenção de situações de abuso sexual (CAMPOS; MIRANDA, 2022). A Educação Sexual compreende uma abordagem educativa ampla, que inclui aspectos sociais, históricos, culturais e biológicos envolvidos na sexualidade humana (BERTOLLO *et al.*, 2018).

Um dos objetivos almejados pela Educação Sexual consiste na apresentação de informações sobre a sexualidade, não problematizando, mas demonstrando evidências que esclareçam o aspecto histórico-cultural que perpassa as questões e preconceitos criados em torno da sexualidade, ao longo da história.

Não raro, a baixa qualidade das informações apresentadas aos adolescentes sobre saúde sexual, faz com que conceitos distorcidos sejam assimilados. Por essa razão, a temática deve ser trabalhada com informações que abranjam não apenas o ato sexual, mas também questões que perpassam a vivência da sexualidade como a contracepção e masturbação, entre outras (RODRIGUES JÚNIOR, 1993)

Nas escolas, com crianças e adolescentes, essa temática tem se tornado um grande desafio para



professores e demais profissionais da educação, por inúmeras questões que englobam suas percepções sobre o assunto, a abordagem em sala de aula, a discussão de temas considerados tabus e que conflituam com orientações religiosas e familiares, as diversidades e os preconceitos (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011). Contudo, cabe destacar que “a Educação Sexual de crianças e adolescentes sempre existiu, mas se fez mais pela omissão e repressão do que por intermédio de uma educação dialógica, humanista e libertária” (SILVA; MEGID NETO, 2006, p. 186).

No que diz respeito a sexualidade, Zompero e colaboradores (2018) afirmam ser de extrema importância que seja abordada durante a formação de crianças e adolescentes, seja por questões pessoais ou por questões sociais, sendo a escola um importante espaço para que uma formação de qualidade aconteça. Assim, entende-se que a abordagem de questões relacionadas à sexualidade deve ocorrer no cotidiano escolar, de forma a contribuir para que os alunos desenvolvam valores éticos e habilidades que os ajudem a vivenciá-la de forma saudável (MIRANDA, 2013; ZOMPERO *et al.*, 2018, BARROS *et al.*, 2022).

Importante ressaltar que questões como a gravidez na adolescência e a ocorrência de IST se configuram como graves e urgentes problemas de saúde pública. Estima-se que, apenas em 2012, 51 milhões de adolescentes e adultos (de 15 a 49 anos) com vida sexual ativa, residentes nas Américas, tiveram ao menos uma IST curável (WHO, 2016). Além disso, no que diz respeito a gravidez precoce, o Fundo de População das Nações Unidas aponta que cerca de 14 milhões de crianças de mães adolescentes nascem por ano (UNFPA, 2016). Frequentemente, a mãe adolescente e a criança enfrentam problemas de saúde em decorrência da gravidez, podendo estar ou não associados a outros fatores como o aborto realizado de forma não segura ou o nascimento de bebês prematuros (CEPAL *et al.* 2004 *apud* ZOMPERO *et al.* 2018).

Ademais, muitos estigmas e preconceitos atravessam a Educação Sexual. É inegável que a escola reproduz ideias do que a sociedade espera das crianças e adolescentes, com relação à iniciação sexual e prevenção de IST, por exemplo.

O conhecimento sobre a atividade sexual não resulta em uma prática mais precoce. Em contrapartida, torna a atividade mais segura, por diminuir a frequência de IST e gravidez não planejada. Dentro do contexto estrutural da sociedade, existe uma culpabilização que envolve os adolescentes no que diz respeito às práticas sexuais. Isso ocorre devido ao paradigma de que a livre expressão da sexualidade é interpretada como um comportamento transgressor. Assim, muitos jovens evitam procurar conselhos relacionados a esse aspecto (CIRÍACO *et al.*, 2019; p. 66).

A partir dessas ponderações, evidencia-se a necessidade urgente da inserção da Educação Sexual nas escolas, e entende-se que professores estão inevitavelmente ligados ao tema, pois atuam como mediadores de discussões acerca dessa temática, fomentando a apropriação do conhecimento de forma a



contribuir para a prevenção de problemas futuros (SANTOS *et. al*, 2021).

Contudo, não tem sido uma tarefa fácil trabalhar a Educação Sexual. Muitos são os desafios e dificuldades, com destaque para o fato de que o tema ainda é considerado um tabu, bem como para a falta de preparo por parte dos profissionais da educação. Outro fator importante e que dificulta sua implementação nas escolas, é justamente a ausência de uma legislação que concretize o tema como obrigatório.

Dentro desta perspectiva, considerando que a escola é uma instituição socializadora, cabe aqui trazer a importância de relacionar a formação de licenciandos com a temática da Educação Sexual, de acordo com os documentos que regem a Educação no Brasil.

Em todo o mundo a Educação Sexual recebe tratamentos diferenciados. Nos países mais liberais da Europa, como a Holanda, por exemplo, o tema é considerado natural e necessário. Em alguns países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, o assunto é proibido (RODRIGUES NETO, 2022). No Brasil, passa a ser uma pauta mais presente nas escolas a partir de 1997, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a inclusão da Orientação Sexual como tema transversal a ser trabalhado ao longo de todos os ciclos de escolarização (BRASIL, 1998).

Em 2001, o Plano Nacional de Educação (PNE), trouxe questões de Educação Sexual no que diz respeito aos cursos de formação de professores. Porém, o atual PNE (2014-2024), não aborda questões importantes, como gênero e sexualidade. (BRASIL, 2014).

Atualmente, as diretrizes para a educação no Brasil, estão contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na BNCC, não consta um currículo para Educação Sexual. A temática ficou restrita apenas a reprodução e infecções sexualmente transmissíveis, as quais são abordadas apenas na disciplina de Ciências, no oitavo ano do Ensino Fundamental (BRASIL, 2017).

Tendo em vista sua importância, faz-se necessária uma análise das percepções de futuros professores acerca da temática e sobre como é trabalhada durante seu processo formativo, uma vez que sua inserção nos cursos de formação de professores é de extrema importância para sua efetivação nas escolas de Educação Básica.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo a avaliação da realidade do curso de Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES-UFF), no que tange a abordagem da Educação Sexual, por meio da análise dos objetivos e ementas das disciplinas que compõem o currículo, de forma a identificar as que abordam questões pertinentes à temática. Objetiva, ainda, identificar as opiniões e percepções de licenciandos do curso sobre aspectos relacionados à Educação Sexual, bem como a maneira como é abordada, na visão dos licenciandos, durante o curso de graduação, de forma a identificar possíveis lacunas existentes em seu



processo formativo, o que possibilitará a proposição de ações com vistas a uma melhor formação inicial desses professores.

## PERCURSO METODOLÓGICO

### Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa licenciandos do curso de Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES), da Universidade Federal Fluminense (UFF), *Campus* de Santo Antônio de Pádua.

### Curso de Ciências Naturais (Ênfase em Biologia)

Tendo em vista a demanda por profissionais qualificados na área de Ciências, um grupo de professores do INFES, em parceria com professores dos Institutos de Química, Geociências, Biologia e Física da UFF, elaboraram a proposta de criação do Curso de Graduação em Ciências Naturais – Licenciatura, como componente do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI) na UFF (UFF, 2018).

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais da Universidade Federal Fluminense (UFF, 2018), o curso de Ciências Naturais com ênfase em Educação Ambiental, a princípio, foi implementado através da Resolução do CEP nº 003/11, de 26/01/11, na seção III, página 35 do Boletim de Serviço (UFF) nº 033, de 01/03/2011, tendo seu currículo aprovado pela resolução do CEP nº 297/2011, de 13 de julho de 2011. Sendo assim, em 2012, a primeira turma do curso teve início, no *Campus* de Santo Antônio de Pádua, tendo como objetivo a formação de professores capacitados para atuação no segundo segmento do Ensino Fundamental, a fim de suprir uma carência evidenciada na região onde está localizado o INFES – a falta de professores qualificados para atuar na área de Ciências Naturais (SOUZA, 2018).

Contudo, o curso de Ciências Naturais oferecia apenas duas disciplinas que abordavam a temática Educação Ambiental: Fundamentos da Educação Ambiental I e Fundamentos da Educação Ambiental II, fazendo com que a meta de ter ênfase nessa área não fosse alcançada. O curso, então, foi dividido em bases científicas, pedagógicas e instrumentais, tendo uma proposta interdisciplinar, voltada para as Ciências Naturais (SOUZA, 2018).



Por conseguinte, surge então, a necessidade de habilitar os professores para atuação também no Ensino Médio, visto que o curso habilitava apenas para atuação no segundo segmento do Ensino Fundamental. Diante disso, a criação de um curso de Licenciatura em Ciências Naturais, com ênfase em Biologia, possibilitaria ao egresso uma área de conhecimento mais ampla em sua atuação profissional. Isso porque, atenderia as demandas da educação a nível municipal e estadual do interior da região Noroeste Fluminense (UFF, 2018).

O curso de Licenciatura em Ciências Naturais com ênfase em Biologia tem como preceitos básicos os eixos estabelecidos pela UFF no que diz respeito à formação de professores da Educação Básica a nível superior, sendo eles: sólida formação teórica e interdisciplinar, unidade entre teoria e prática, gestão democrática, compromisso social e ético, trabalho coletivo e interdisciplinar, articulação da formação inicial com a continuada e inclusão tecnológica e comunicacional. Portanto, o principal objetivo consiste em um curso que tenha como referência a evolução científica da área, as diretrizes propostas para a formação do professor da Educação Básica em Nível Superior, além de considerar a demanda local e regional por profissionais de qualidades que sejam dinâmicas e atuem de forma interdisciplinar (UFF, 2018).

O Licenciado em Ciências Naturais com ênfase em Biologia, então, está apto para planejar, organizar e desenvolver atividades juntamente com outros docentes que atuem nos componentes curriculares obrigatórios da área de Ciências Naturais, (Geologia, Biologia, Física e Química) em Biologia no Ensino Médio, e nas séries finais do Ensino Fundamental (UFF, 2018).

## **Análise dos objetivos e ementas das disciplinas do curso**

A fim de verificar se as disciplinas oferecidas no curso de Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) abordam a temática Educação Sexual, procedeu-se a análise dos “Formulários 13” das 51 disciplinas obrigatórias e 23 disciplinas optativas, documentos que compõem o Projeto Pedagógico do Curso e tratam da “especificação da disciplina”. Neste formulário são apresentados dados referentes ao Departamento de Ensino responsável pela disciplina, a carga horária, o tipo (se obrigatória, optativa ou atividade complementar), os objetivos e a ementa (utilizados para análise neste trabalho), além da bibliografia.

Ademais, a análise dos objetivos e ementas das disciplinas teve como intuito identificar assuntos relacionados à Educação Sexual, tais como: gravidez precoce, IST, prevenção a gravidez e anatomia dos aparelhos reprodutores masculino e feminino.



## Levantamento da abordagem da temática junto aos alunos do curso

A coleta de dados junto aos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) se deu por meio da aplicação de um questionário, criado no *Google Forms*, composto por 13 questões (Quadro 1), encaminhado a todos os licenciandos do curso via e-mail institucional e aplicativos de mensagens. Segundo Lakatos e Marconi (2010), o questionário é um método de coleta de dados construído por uma série de perguntas que precisam ser respondidas sem, necessariamente, a presença do entrevistador.

**Quadro 1 - Questionário Diagnóstico aplicado aos licenciandos do curso de Ciências Naturais (Ênfase em Biologia)**

Questões
1) Qual sua idade?
2) Em que ano você ingressou no curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal Fluminense?
3) Como você define Educação Sexual?
4) A Educação Sexual contribui para a saúde e responsabilidade sexual dos jovens? <i>Marcar apenas uma.</i> ( ) Sim ( ) Não
5) A Educação Sexual deve ser abordada APENAS no ambiente familiar? <i>Marcar apenas uma.</i> ( ) Sim ( ) Não
6) Considera importante a abordagem de temas relacionados à Educação Sexual no ambiente escolar? <i>Marcar apenas uma.</i> ( ) Sim ( ) Não
7) Você considera que a temática Educação Sexual se configura como um desafio aos professores? Justifique.
8) Quais ferramentas/recursos didáticos você considera mais apropriados para a abordagem de conteúdos relacionados à Educação Sexual em sala de aula?
9) Você se sente confortável para trabalhar o tema Educação Sexual em sala de aula? <i>Marcar apenas uma.</i> ( ) Sim ( ) Não
10) Como você abordaria o tema em sala de aula?
11) Você considera que recebeu, por meio das disciplinas oferecidas na graduação, formação necessária para abordar o tema Educação Sexual em sala de aula? <i>Marcar apenas uma.</i> ( ) Sim ( ) Não
12) Como você avalia o seu conhecimento relacionado à Educação Sexual?
13) Em sua opinião, há necessidade de uma disciplina específica sobre o tema Educação Sexual no curso Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal Fluminense? <i>Marcar apenas uma.</i> ( ) Sim ( ) Não

Fonte: Elaboração própria.



O questionário esteve aberto para o recebimento de respostas por um período de 30 dias (19/08/2022 a 17/09/2022). É importante ressaltar que o questionário era dividido em duas seções: a primeira trata do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio do qual os licenciandos foram informados acerca da natureza da pesquisa, seus objetivos, os benefícios e os riscos a ela associados, bem como seu direito de recusar-se a responder o questionário ou interromper sua participação a qualquer momento. A segunda seção trata de questões relacionadas à idade do licenciando, ao ano de ingresso no curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) e questões específicas sobre a Educação Sexual como, por exemplo, a definição do termo, os ambientes de abordagem, seu nível de conhecimento e processo formativo. Os dados obtidos foram tabulados em planilhas do software Microsoft Excel®, para posterior análise.

Como método para analisar os dados obtidos, foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), que prevê três fases essenciais: (i) pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, (ii) a inferência e (iii) a interpretação. Na primeira fase, a partir de uma leitura flutuante, os dados obtidos são organizados. A segunda fase identifica e codifica os elementos, agrupa e esquematiza as informações semelhantes em classes. Na terceira fase, determinam-se as classes, em categorias específicas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Análise das ementas das disciplinas do curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia)**

A atual matriz curricular do curso de Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) tem um total de carga horária de 3240 horas, sendo 420 horas de prática como componente curricular, 400 horas de estágio curricular supervisionado, 2100 horas de aulas para conteúdos curriculares obrigatórios de natureza científico-cultural, 120 horas conteúdos curriculares optativos de natureza científico-cultural e 200 horas de atividades acadêmicas curriculares. Na análise realizada nos Formulários 13 de todas as disciplinas oferecidas pelo curso, a fim de determinar aquelas que abordam temas ligados à Educação Sexual em suas ementas, foram identificadas apenas duas disciplinas, uma obrigatória e outra optativa.

A disciplina obrigatória “Anatomia e Fisiologia Humana” tem carga horária de 60 horas (40 horas teóricas e 20 horas práticas) é oferecida no terceiro período do curso e é ministrada por docentes do Departamento de Ciências Exatas, Biológicas e da Terra. Seu objetivo é proporcionar aos alunos a obtenção de conhecimentos teóricos e práticos de aspectos morfológicos e fisiológicos do sistema orgânico humano.



A disciplina optativa “Diversidade Cultural, Gênero e Sexualidade”, ministrada por docentes do Departamento de Ciências Humanas, tem carga horária de 60 horas (teóricas) e é oferecida para os cursos de Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Ciências Naturais. Seu objetivo é discutir os principais temas relacionados à educação escolar e à diversidade cultural. Em sua ementa há um tópico sobre “Escola, orientação e opção sexual”.

Importante destacar que as duas disciplinas, abordam em suas ementas poucos temas relacionados à Educação Sexual: sistema genito-urinário (Anatomia e Fisiologia Humana) e relações de gênero na escola, orientação e opção sexual (Diversidade Cultural, Gênero e Sexualidade).

No curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) não há uma disciplina específica (obrigatória ou optativa) que aborde outros temas igualmente importantes, como por exemplo, gravidez, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, dentre outros, de forma que prepare o futuro professor para trabalhar a Educação Sexual e suas especificidades em sala de aula.

Autores, como Reis e Ribeiro (2002), alertam para a importância do investimento na formação do profissional que trabalhará a Educação Sexual em sala de aula, de forma a proporcionar o acesso ao conhecimento acerca dos assuntos que permeiam o tema e, conseqüentemente, o embasamento necessário para executar seu trabalho de forma eficiente. Para Silva e Megid Neto (2006), a ausência de uma boa formação inicial e continuada, compromete a prática docente relacionada à Educação Sexual.

## **Análise do questionário aplicado aos licenciandos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia)**

Participaram da pesquisa 56 licenciandos (identificados pelos códigos L1 a L56), cujas idades variaram entre 18 e 44 anos, com maior quantitativo observado nas faixas etárias de 22 e 23 anos, com 8 licenciandos (14,29%), cada. Quanto ao ano de ingresso no Curso, observa-se que os ingressantes em 2018 e 2019 compõem a maioria dos participantes: 13 (23,21%), cada.

As respostas à terceira questão (Como você define Educação Sexual?) foram organizadas em categorias (a) Conhecimentos e cuidados com o corpo; b) Sexualidade, IST e gravidez e vida sexual precoce; c) Ensino sobre práticas sexuais, de forma a proporcionar uma análise.

### **a) Conhecimento e cuidados com o corpo**

Quatro respostas estiveram associadas ao ato de educar as pessoas sobre o próprio corpo, como também, os possíveis cuidados relacionados ao corpo, como observado nas falas de L19, L26, L28, L37:



Ensinar sobre o corpo, falar sobre consentimento, prevenção, esclarecer dúvidas de acordo com a faixa etária, para prevenir abusos, gravidez precoce e ISTs e que deve ser feita em casa e nas escolas (L19).

Uma maneira de ensinar as crianças sobre os cuidados com seus corpos, além de ajudar as crianças a se defenderem de possíveis abusos (L26).

É o processo de conhecer o próprio corpo. Autoproteção, cuidado, intimidade... (L28).

A educação sexual consiste em ensinar as crianças a ter um conhecimento maior do seu corpo, para que saibam que existem áreas que não podem ser tocadas por qualquer pessoa e assim saibam se defender de um possível abuso, orientá-los também sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e a promover a conscientização a respeito do corpo [sic] (L37).

Como exposto, para alguns dos licenciandos participantes da pesquisa, a Educação Sexual está intrinsecamente envolvida com o conhecimento sobre o corpo e o processo de autocuidado, além de relatarem a importância de ensinar as crianças sobre o seu corpo. A fala de L37 deixa explícito o quanto é necessário que as crianças tenham conhecimento sobre quais áreas de seus corpos podem ou não ser tocadas, como forma de educá-las e orientá-las sobre como reconhecer situações de abuso (CAMPOS; MIRANDA, 2022).

A importância da abordagem de temas relacionados à Educação Sexual nas escolas está diretamente direcionada ao combate à violência sexual em crianças e adolescentes. Importante destacar que grande parte dos casos envolvendo abuso sexual ocorrem no ambiente familiar (CAMPOS; MIRANDA, 2022). Silveira e Pereira (2017) destacam que a maioria dos abusadores é constituída por pessoas do núcleo familiar ou próximas a ele, que usufruem da confiança das crianças e dos adolescentes, dificultando que a denúncia seja feita. Por isso, é importante que discussões acerca dessa problemática sejam difundidas e mais bem trabalhadas no contexto educacional e na formação de professores.

Diante desse contexto, é de suma importância destacar que a escola, assim como outras instituições (de saúde ou religiosas), têm o dever de proteger e acolher as crianças e adolescentes vítimas de situações de abuso. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê:

Art.56 Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de: I - maus-tratos envolvendo seus alunos [...] Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável [...] de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente: [...] multa de três a vinte salários de referência (BRASIL,1990).

A identificação de situações de abuso sexual se configura como uma questão complexa que evidentemente é constituída como um desafio para os professores, por isso, é importante que esses profissionais estejam capacitados e orientados acerca da rede de proteção à criança e ao adolescente, e



qual a melhor maneira para acessá-la de forma correta. No entanto, conhecer e saber como funciona este acesso e participar ativamente do fortalecimento dessa proteção, pode ser outro desafio enfrentado pelos professores e pela escola (SANTOS *et al.*, 2021).

De acordo com Barbosa e Folmer (2019), há indícios de que os estudantes necessitam que a escola e os professores os acolham e os escutem, para que suas questões sejam legitimadas da melhor maneira possível, livre de preconceitos e tabus. Vieira e Matsukura (2017) destacam que a escola precisa ser, para os estudantes, um lugar de escuta e acolhimento, de forma a oferecer uma educação ampla, que abarque para além de conteúdos disciplinares, as questões socioculturais e a realidade em que o estudante está inserido. Com isso, observa-se a importância de trabalhar a Educação Sexual em sala de aula, para que os alunos conheçam seu corpo e possam ficar atentos às evidências de abusos sexuais, como também, proporcionar a eles um ambiente acolhedor e confiável.

Por conseguinte, em outras falas, foi possível observar que a definição de Educação Sexual é associada a um contexto anatômico, conforme observado nas falas de L39 e L14:

Educação capaz de instruir os alunos em relação a anatomia do corpo, aspectos comportamentais e sexualidade (L39).

Educação sexual aborda sobre a anatomia, a psicologia e relação à reprodução humana (L14).

226

Apolinário e Richartz (2021) refletem sobre construir o conhecimento acerca do próprio corpo e a ideia de que isso está diretamente envolvido com a autoestima, como também a relação do outro com o corpo, ultrapassando questões exclusivamente anatômicas, conforme observado na fala de L14. Importante destacar que por meio do ensino sobre o corpo e de aspectos relacionados à psicologia, é que as formas de cuidados e a valorização do corpo são intensificadas.

## **b) Sexualidade, IST, gravidez precoce e vida sexual precoce**

Muitas respostas tratam de questões relacionadas à uma vida sexual saudável, prevenção de IST e de gravidezes indesejadas. Além desses temas, alguns dos participantes da pesquisa destacaram o papel da Educação Sexual também na prevenção a situações de abuso sexual.

A educação sexual além de ensinar a como manter uma vida sexual ativa de forma saudável e segura, se protegendo de possíveis infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejadas, ensina também a reconhecer seu próprio corpo e as áreas que são mais íntimas e que por esse motivo, nem todos podem tocar, evitando abusos (L33).

Falar sobre o corpo, ensinar a diferenciar toques de afeto de toques abusivos, conscientização entre crianças e adolescentes sobre DST's IST's, métodos contraceptivos, mudanças no corpo, etc



[sic] (L34).

O ensino que tem como principal objetivo a construção de uma vida sexual saudável, prevenir doenças, problemas; como o abuso sexual e gravidez indesejada [sic] (L43).

É conjunto de processos que visam esclarecer dúvidas sobre temas relacionados a temas voltados a sexualidade das pessoas (L48).

A educação sexual orienta o jovem sobre as responsabilidades sexuais, como por exemplo o uso de métodos contraceptivos e também auxiliar a prevenir IST [sic] (L52).

Conhecimento consciente e correto sobre a sexualidade em si e o que a envolve (L53).

A educação sexual seria ensinar o aluno sobre a sexualidade e como lidar com isso. Suas partes do como, o que as pessoas, podem ou não tocar no caso das menores, alertar sobre as doenças sexualmente transmissíveis e como se proteger, contribuindo com a saúde e explicar as mudanças que acontecem devido a puberdade [sic] (L55).

Observa-se que os licenciandos participantes da pesquisa pontuaram várias questões associadas à Educação Sexual, seja em sua aplicação ou em conceituação. Segundo L53, a Educação Sexual trata aspectos conscientes e corretos relativos à sexualidade. De acordo com Matanó (1990), a sexualidade humana é constituída por inúmeros componentes, sejam eles psicológicos, biológicos, sociais ou culturais, e em cada indivíduo ela é expressa de maneira singular, de acordo com sua subjetividade. Ela também pode ser expressa de forma coletiva, dependendo de padrões sociais aprendidos durante o processo de socialização. Assim, todos os aspectos envolvidos com as respostas dos licenciandos deixam claro que, para eles, a Educação Sexual trata de importantes comportamentos, atitudes e manifestações relacionadas a fatores da sexualidade que regem o indivíduo desde seu nascimento.

### c) Ensino sobre práticas sexuais e reprodução

Destaca-se nas respostas dos licenciandos participantes da pesquisa a importância da Educação Sexual na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez precoce. Existe um consenso de que a Educação Sexual é de suma importância para ressaltar as vulnerabilidades e a necessidade de prevenção acerca do abuso sexual, das infecções sexualmente transmissíveis, e gravidezes indesejadas (GESSER *et al.*, 2015).

Alguns licenciandos indicaram que a Educação Sexual está envolvida no ensino de práticas sexuais e reprodução humana.

Ensinos sobre como funciona o sexo, sobre sua seriedade e consequências, sobre a importância de proteção e como ela deve ser feita, sobre como deve haver consentimento de tudo e etc [sic] (L47).

E uma educação que ensina e educa o aluno sobre as práticas sexuais e os seus devidos cuidados acerca de como deve prática e prevenir sobre algumas doenças sexuais que podem ocorrer pelo ato não tem o devido cuidado [sic] (L36).



Estudo do processo de reprodução humana, bem como formas de prevenção a gravidez, dst's, identidade de gênero, dentre outras questões biológicas e sociais [sic] (L32).

Diante disso, observa-se que a Educação Sexual ainda está envolta em uma visão reducionista, que restringe seu campo de atuação, às questões estritamente sexuais e de reprodução. De acordo com Figueiró (2009), a Educação Sexual diz respeito ao direito que todas as pessoas possuem de construir pensamentos sobre o corpo, sexualidade, relacionamento sexual, o ato de expressar sentimentos, rever seus preconceitos, refletir e formar seu próprio pensamento crítico sobre seus valores e ideais, e não apenas o ato sexual. Além disso, Maia (2004) discorre sobre a Educação Sexual no contexto escolar. Para a autora, a Educação Sexual precisa abranger temáticas para além de questões preventivas de saúde sexual e reprodutiva e deve, sobretudo, trabalhar questões que incluem as relações sociais, os direitos humanos, a necessidade do respeito à diversidade, entre outros.

Duas respostas associaram a Educação Sexual à orientação sexual, mesmo sendo coisas distintas:

Heterossexual (L1).

Sou hétero, do sexo masculino (L13).

Observa-se pelas respostas dos licenciandos participantes da pesquisa, L1 e L13, que pode existir certa dificuldade em entender a questão perguntada ou, de fato, não sabem mesmo definir o que é Educação Sexual. Maia e Ribeiro (2011) enfatizam a importância de tratar questões relacionadas ao gênero e diversidade em sala de aula, visto que, as questões de gênero e diversidade são pouco discutidas na formação de professores (ALTMANN, 2013). Confirmando a necessidade da implementação de disciplinas acerca da temática na formação de professores, de forma que os futuros professores tenham base teórica para diferenciar questões de gênero e sexualidade.

Corroborando com este fato, diversos autores (e.g. SILVA; MEGID NETO, 2006; FIGUEIRÓ, 2009; RODRIGUES; SALLES, 2011) defendem que a formação dos professores apresenta muitas lacunas e é insuficiente em temas ligados à Educação Sexual. Além disso, acreditam que é preciso que exista formação continuada para que os professores tenham segurança ao abordar a Educação Sexual em sala de aula, além de pontuarem que os cursos de graduação precisam apresentar essa temática dentro de disciplinas obrigatórias específicas nas licenciaturas.

Ademais, Lorenzi (2017) acredita que a prática docente em questões voltadas para a Educação Sexual fica comprometida quando temas como, por exemplo, gênero e diversidade sexual estão ausentes nos documentos oficiais da educação brasileira, bem como nas matrizes curriculares das universidades.

Quando indagados, na quarta questão, se a “Educação Sexual contribui para a saúde e responsabilidade sexual dos jovens”, todos os participantes da pesquisa afirmaram que sim. De acordo



com Saito e Leal (2000), a Educação Sexual nas escolas e as discussões sobre sexualidade, possuem um importante papel informacional, contribuindo para a diminuição dos índices de gravidez precoce bem como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Os autores afirmam ainda que essas discussões não influenciam os jovens a iniciarem a vida sexual. Além disso, as intervenções educativas acerca da Educação Sexual devem, sobretudo, serem realizadas pelos professores de maneira que abranja a todas as questões envolvidas com a sexualidade, com o intuito de ser algo para além de apenas orientar os alunos, mas que, ajude no desenvolvimento de habilidades que auxiliem os alunos a exercerem a sexualidade de forma saudável (BARCELOS, JACOBUCCI 2011).

A quinta e a sexta questão buscaram, respectivamente, saber a opinião sobre a abordagem da Educação Sexual ser restrita apenas ao ambiente familiar ou também ser realizada no ambiente escolar. Todos os participantes da pesquisa responderam que não deve ser restrita ao ambiente familiar e que deve ser abordada também no ambiente escolar. Conforme Werebe (1998 *apud* FIGUEIRÓ, 2006), a Educação Sexual pode ser classificada como informal e formal. A informal é toda ação atravessada pelo indivíduo, toda influência direta ou indireta que perpassou sua vida, desde o seu nascimento, sobre a sua vida sexual. Já a Educação Sexual formal se constitui como uma educação institucionalizada, sendo dentro ou fora do ambiente escolar. Isso significa que é importante que a Educação Sexual seja trabalhada em diversos espaços, seja na família ou na escola, pois, são formas diferentes de se abordar e compreender a Educação Sexual.

Levando isso em consideração, Figueiró (2006) relata que existem muitas classificações para definir a Educação Sexual, porém, é mais importante se levar em consideração a forma como o ensino sobre questões relacionadas à sexualidade está sendo implementado na escola, independente da terminologia usada, uma vez que cada um destes termos carrega diferentes classificações pedagógicas do que é Educação Sexual.

Além disso, Reis e Maia (2012) destacam a importância de se implementar um trabalho de colaboração entre família e escola, quando se trata de questões relacionadas à sexualidade, como forma de explicitar o trabalho feito pelos professores, porque é comum que a família acredite que o trabalho da escola sobressai sobre seus valores pessoais, construindo certa resistência dos familiares e, também dos professores. Assim:

A interação família-escola torna-se fundamental, para que a sexualidade não se torne alvo da duplicidade de discursos e de atitudes. Deve-se ter em mente que a tarefa da educação sexual pode ser emocionalmente custosa aos professores, uma vez que são pertencentes a uma cultura carregada de equívocos e tabus, e nem sempre, se sentem disponíveis, tranquilos e maduros frente à própria sexualidade. Mesmo assim, a Escola é o espaço privilegiado para que crianças e adolescentes possam fazer seus questionamentos. Nos debates de sexualidade, os jovens muitas vezes fazem perguntas que os pais e mesmo os professores não se atrevem a fazer. São gerações diferentes, sinalizando relações de fechamento-abertura frente ao discurso do sexo. A educação



sexual estimula a troca de ideias e possibilita mudanças nas relações sociais, superando, assim, o machismo, os preconceitos e engodos (MOIZÉS; BUENO, 2010 p. 3).

Na sétima questão foi perguntado se os licenciandos consideram ser um desafio aos professores trabalhar a temática Educação Sexual em sala de aula. As respostas foram organizadas em três categorias: a) Educação Sexual como tabu; b) falta de conhecimento necessário por parte dos professores; c) resistência da família.

## d) Educação Sexual como tabu

A maioria dos licenciandos participantes da pesquisa, afirmam ser um desafio para os professores a implementação da Educação Sexual nas salas de aula, com a justificativa de que a Educação Sexual ainda é considerada um tabu nos dias de hoje.

Sim, pois ainda existe um tabu na sociedade brasileira referente a abordagem desse tema (L3).

Por parte sim. Pois a educação sexual ainda e um tabu religioso e em alguns aspecto politico. O professor deve sempre tentar responder os questionamentos dos alunos, isso faz parte da sua função, porem quando o assunto e sobre sexualidade, educação sexual, isso pode gerar atrito com a família que não trata desses assuntos em sua casa, o que seria correto [sic] (L6).

Sim, pois muitos pais não tem essa liberdade de conversarem com seus filhos sobre o assunto e por acharem que a educação sexual podera levar os filhos a praticarem, tornando assim a educação sexual um tabu no meio escola [sic] (L7).

Sim, pois mesmo estando em um século de inovações e liberdades. Ainda sim é considerado “tabu” por muitos, se falar em educação sexual dentro e fora de sala de aula (L10).

Sim! A educação sexual é um tabu (L11).

Sim, pois é um tema ainda muito tabu e talvez constrangedor pra ser trabalhado na sala de aula (L12).

Sim, porque não se é conversado sobre sexualidade em casa e na escola, então por não ser um hábito, acabou se tornando um tabu (L19).

As dificuldades mencionadas pelos futuros professores sobre a implementação da Educação Sexual nas escolas acerca de tabus, possuem motivos amplos. Segundo Bonfim (2010), uma das causas de a Educação Sexual ser um tema negligenciado no espaço escolar, está relacionada à má formação (ou não formação) docente no que tange à temática. Além disso, a sexualidade é um tema considerado complexo e extenso, pois envolve a educação familiar e religiosa, exigindo do docente conhecimento amplo para que a abordagem seja implementada de forma correta, contribuindo para a reflexão crítica dos indivíduos, legitimando as diferenças e crenças.

É importante salientar que quando se opta por não trabalhar a Educação Sexual no ambiente



escolar, o ensino ocorre de forma implícita, sendo o silêncio uma maneira de educar negativamente. Isso porque, com o silêncio, os estudantes entendem que é um assunto permeado de complexos tabus e preconceitos (FURLANI, 2007). Com isso, pode-se afirmar que:

Ainda hoje, quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos. É preciso compreender que a sexualidade é parte integrante e indissociável da pessoa, não implicando necessariamente em seu aspecto reprodutivo, e que valores sexuais e estilos de vida podem ser vivenciados de modo diferenciado de uma pessoa para outra. Numa sociedade, a diversidade de valores e crenças é fato natural. (MOIZÉS; BUENO, 2010, p. 2).

Outrossim, Barbosa e Folmer (2019) destacam também que a Educação Sexual e a Sexualidade são temas atravessados por tabus, valores culturais e morais e, por isso, muitas famílias e profissionais da educação têm dificuldades em abordar o tema.

## **e) Falta de conhecimento necessário por parte dos professores**

No que diz respeito à falta de conhecimento por parte dos professores, é perceptível nas respostas, que grande parte dos licenciandos participantes da pesquisa acredita que os professores não são bem-preparados para trabalhar o tema em sala de aula.

231

Sim, pois, eles não sabem como aplicar este tema em sala de aula (L8).

Sim, pois há falta de conhecimento necessário de quem não entende sobre o assunto, dessa forma é criada uma barreira em torno dessa temática, porém para que as próximas gerações não repliquem esse comportamento, é necessário o diálogo sobre educação sexual dentro da sala de aula (L9).

Sim, pois muitos não tiveram uma capacitação adequada para falar de educação sexual em sala de aula, e com alunos [sic] (L17).

Sim! Professores ainda vêem como tabu assuntos relacionados a educação sexual, sem contar o receio de que os familiares podem ser contrários a isso. Dessa forma, muitos deixam de falar [sic] (L18).

Sim. Por se tratar de assunto considerado um tabu para algumas pessoas e muitos professores também não sabem a maneira correta de tratar do assunto (L21).

Sim, pois muitos deles não tem qualificação adequada para abordar esse tema com os alunos [sic] (L23).

Talvez, por falta de preparo e conhecimento específico do assunto, a forma certa de passar para as crianças [sic] (L28).

Sim. Pois não tive um preparo nessa área, uma matéria ou curso de extensão voltados para essa matéria (L30).

Sim, muitos professores associam a educação sexual com o sexo propriamente dito, no entanto isso vai muito além, é o meio que a escola encontrou de explicar por exemplo para alunos na puberdade as mudanças abruptas que está sofrendo o corpo deles (L31).

Sim, muitos professores não possuem a base necessária para essa temática tornando o assunto



que poderia ser tratado com naturalidade num "furacão" (L37).

Sim, pois é um tema que nem todo professor se sente confortável ou consegue abordar como deveria em sala, além de ser bem criticado pela sociedade, principalmente os pais, pois não tem noção do que realmente se trata (L55).

Importante destacar o relato de L30, que afirma que em sua formação não participou de disciplinas ou cursos de extensão voltados para essa temática. Cabe salientar que um curso de extensão, intitulado "Conflitos da Adolescência", que aborda temas relacionados à Educação Sexual, foi oferecido no INFES-UFF nos anos de 2018, 2021 e 2022. Porém, um expressivo número de alunos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) não participou, mesmo sendo oferecido de forma remota nas duas últimas edições.

O licenciando L37 afirma que a Educação Sexual deveria ser um assunto natural tratado por todos, porém, não é isso que acontece, pois, é um problema que reside, dentre outros fatores, na formação dos professores, por não possuírem base necessária para abordar o tema. De acordo com Camargo e Ribeiro (1999), os currículos de formação de professores devem abordar temas associados à sexualidade humana em todos os seus aspectos, levando em consideração as possibilidades do corpo e suas emoções. Conhecer sobre essas não significa ser algo que remete, exclusivamente, aos genitais. Para os autores, a Educação Sexual focada nas genitais é uma educação regrada e disciplinada, que acaba por ser excludente para o resto do corpo. Concordando com esta afirmação, observa-se que a BNCC, documento que norteia os currículos das escolas brasileiras, reduziu a Educação Sexual apenas à disciplina de Ciências, dando ênfase à temas relacionados à reprodução humana e infecções sexualmente transmissíveis, excluindo diversos aspectos importantes da temática como, por exemplo, métodos contraceptivos e gravidez precoce (BRASIL, 2017).

Ainda sobre a BNCC, cabe salientar que sua última versão evidencia a influência de grupos conservadores que fomentaram a exclusão de temas como gênero, orientação sexual e diversidade, com argumentação de uma defesa da "moral" e dos "bons costumes", corrompendo os objetivos de ensino que permeiam a Educação Sexual.

Além disso, conforme Souza e colaboradores (2017 *apud* OLIVEIRA *et al.* 2020) relatam, inúmeros professores reconhecem a importância de se trabalhar a Educação Sexual. Porém, pela escassez de capacitação, muitos não se sentem seguros ao trazer este tema para a sala de aula, como demonstrado nas respostas acima, sendo necessário, portanto, uma formação docente de qualidade acerca da temática.



## f) Resistência da família

As respostas demonstraram também uma referência à resistência por parte das famílias de alunos, as quais, muitas vezes, não aceitam que esses assuntos sejam tratados fora do ambiente familiar, dificultando a abordagem do tema em sala de aula.

Sim, pois discutir sobre este assunto embora não deveria ser um medo nos professores sempre ficamos meio sem jeito é sem graça de como falar, por questão das consequências, pois que é um assunto necessário sabemos, mas ocorre de muitos responsáveis verem de um forma diferente, como se a escola estivesse estimulando algum tipo de movimento, ao invés de estar apenas ajudando [sic] (L2).

Sim. A educação sexual ainda é um assunto delicado no grupo familiar e reflete a dificuldade de abordar em sala de aula (L14).

Sim, pois muitos alunos não tem esse tipo de “conversa” com os pais ou responsável, que por muitas vezes também não tiveram com seus próprios pais, ou quando próprio responsável é o próprio abusador! Com isso, fica mais delicado abordar esses temas nas escolas, pois muitos pais logo acham que os professores estavam seus filhos a fazerem sexo, e se opõem a abordagem [sic] (L16).

Sim, pois muitos pais não aceitam que o filho aprenda sobre (L20).

Sim. Por causa da resistência dos familiares (L24).

Sim, já que muitas famílias são extremamente conservadoras, a ponto de repudiar a tentativa (L26).

Sim, porque os pais leigos na importância do assunto acha que os professores estão induzindo seus filhos a uma vida sexual ativa [sic] (L27).

Sim. Pois muitas famílias não abordam esse assunto com as crianças e jovens em casa, por medo ou até mesmo vergonha, então como a escola também é "família" cabe aos professores também abordar sobre esse assunto [sic] (L49).

A família é a primeira base social da criança, onde as primeiras ideias são constituídas e, por isso, para alguns dos licenciandos, os pais preferem que questões mais íntimas e delicadas sejam tratadas dentro do ambiente familiar. Segundo Godoy (2018), as crianças e adolescentes quando chegam ao ambiente escolar, já trazem de suas casas uma bagagem de valores e princípios transmitidos desde seu nascimento, dentre eles os relacionados à sexualidade. Ademais, Janeiro (2008) afirma que não existem dúvidas de que os primeiros educadores acerca da sexualidade são os pais, porque são a eles que se destinam as maiores responsabilidades na formação dos filhos.

Além disso, conforme destaca o L27, muitos pais enxergam a Educação Sexual como a indução a práticas sexuais. Por isso, muitas famílias não aceitam a ideia de a escola abordar a temática. Assim, Kerntopf e colaboradores (2016) destacam que é de suma importância que o investimento em Educação Sexual não seja somente voltado para questões associadas às práticas sexuais de risco, mas que haja incentivo à conscientização de se construir uma vida permeada com ações saudáveis, preparando esses jovens para uma sociedade que ainda possui julgamentos preconceituosos.



Para Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), essa dificuldade enfrentada pelos pais, também se remete à escola, pois, se constrói a ideia de que é um tema necessário de ser tratado exclusivamente pela família, dificultando que concepções equivocadas sejam corrigidas.

Os recursos didáticos citados pelos licenciandos participantes da pesquisa como os mais apropriados para abordagem da Educação Sexual foram separados em duas categorias: 1) recursos tecnológicos; 1) recursos lúdicos.

## 1) Recursos tecnológicos

Através de slides com fotos e vídeos (L2).

REPORTAGENS, VÍDEOS e filmes que retratam sobre o assunto [sic] (L5).

Isso varia de turma para turma: ao meu ver, textos explicativos concomitantemente a imagens ilustrativas (seja datashow, seja por site e/ou aplicativo) foi bem eficaz nas turmas durante minha formação [sic] (L13).

Slides são uma boa ferramenta para abordar esses conteúdos, pois da para utilizar imagens de todos os tipos de métodos contraceptivos, as infecções causadas, dentre outros. Vídeos explicativos também são um ótimo recurso [sic] (L33).

Recursos tecnológicos se configuram como uma boa opção para trabalhar a temática em sala. Segundo Castoldi e Polinarski (2009), a implementação de metodologias em sala de aula que diversificam as formas de ensino daquelas mais tradicionais, visam auxiliar os professores no decorrer das aulas. Por meio desses recursos, é possível preencher lacunas deixadas pelos métodos tradicionais e fomentar uma participação mais ativa dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Bueno e Franzolin (2017) acreditam que os materiais e recursos didáticos precisam ser atuais e acessíveis e, quanto mais o forem, mais os professores se beneficiarão. Além disso, Lima e Almeida (2010) destacam que cabe ao educador entender e avaliar qual a melhor ferramenta a ser utilizada em suas aulas sobre temas pertinentes à Educação Sexual. Contudo, Zerbinati e Bruns (2016) acreditam que as metodologias/ferramentas e temas a serem utilizados/abordados em sala de aula não devem ser impostos aos professores, mas sim oferecidas possibilidades para que eles mesmos encontrem o melhor caminho para trabalhar a temática, de acordo com a realidade de suas escolas e alunos. Nesse sentido, os autores reforçam a ideia de que os professores precisam ter uma boa formação inicial.

Ademais, quanto à participação nas aulas sobre Educação Sexual, conforme defendem Ronca e Escobar (1984), o aluno precisa estar envolvido ativamente no processo de ensino e aprendizagem, seja por questionamentos ou por suas participações, por meio de opiniões críticas. Por isso, a aula não pode estar limitada a algo apenas expositivo, tomando cuidado para que não se torne um monólogo, onde só o professor se expressa. É importante que o aluno se sinta parte daquele momento, sentindo-se



confortável para debater temas referentes à Educação Sexual, levando-os à reflexão. Souza e colaboradores (2015) defendem que a abordagem da Educação Sexual em sala de aula deve considerar diversos recursos didáticos para além de uma aula expositiva e discutida, como, por exemplo, dinâmicas de grupos, jogos didáticos, dramatizações, vídeos, músicas, cartazes, textos, estudos de caso e debates, em um ambiente onde os alunos possam sanar dúvidas.

Um estudo realizado por Abreu (2017), com 17 estudantes do curso de Ciências Naturais da Faculdade de Planaltina (FUP), contou com a realização de uma disciplina sobre Educação Sexual que foi construída juntamente com os licenciandos, gerando um espaço de discussão e reflexão acerca da temática e a sua importância no âmbito educacional, corroborando para a formação dos licenciandos. O estudo foi dividido em aulas, onde os licenciandos eram perguntados sobre suas percepções referentes à Educação Sexual e diversos recursos didáticos foram utilizados, permitindo que os licenciandos participassem ativamente da proposta. O estudo concluiu que muitos demonstraram preocupação com sua formação e, até mesmo, certa insegurança para trabalhar o tema. Em contrapartida, puderam refletir e propor diversas atividades e formas de trabalhar a temática em sala de aula.

Em umas das aulas sobre a sexualidade na vida das pessoas com deficiência, foi utilizado o filme “As Sessões” (2012) como recurso. Perguntados se haviam gostado ou não do filme, muitos deram respostas positivas e afirmaram nunca terem parado para pensar sobre o assunto. Certeza (2013) salienta que a sexualidade faz parte da vida de todas as pessoas, sejam elas pessoas com deficiência ou não. Nesse sentido, a escolha do filme foi feita com intuito de sensibilizar os alunos, levando-os a perceberem que as diferenças entre as pessoas não se configuram obstáculos no exercício de sua sexualidade, algo presente em todos os seres humanos.

Os alunos demonstraram estarem abertos à reflexão sobre novos conhecimentos acerca da temática, destacando a importância de se utilizar diferentes recursos na formação de professores e, conseqüentemente, nas salas de aula. Sendo necessário aprendermos mais, discutirmos mais, através de recursos didáticos e tecnológicos de forma que reflexões sejam geradas e conhecimentos adquiridos (FIGUEIRÓ, 2009).

Em outra aula foram tratados os seguintes temas: homossexualidade, violência e abuso sexual, gravidez na adolescência, anatomia dos órgãos sexuais e métodos contraceptivos. A aula foi realizada por meio de seminários, onde a turma foi dividida em quatro grupos responsáveis por apresentar um dos temas. Os grupos utilizaram recursos tecnológicos como *datashow* e *slides* para expor os conteúdos. As apresentações contaram com a participação ativa dos alunos, uma vez que os grupos interagiram com os colegas de outros grupos, sempre questionando e trazendo reflexões que proporcionaram aos estudantes importantes trocas de informações e aprendizado.



## 2) Recursos lúdicos

Ilustrações criativas: Como desenhos, histórias em quadrinhos, vídeos e etc (L3).

Usaria histórias em quadrinhos e um animaker (L7).

Imagens e desenhos, ensinando de uma forma mais lúdica e explicativa (L10).

Vídeos explicativos, um teatro, figuras (L17).

Uso de paródias, dependendo da classe, seria interessante. Construção de uma peça teatral também. Consegue trazer com leveza um assunto ainda rotulado (L18).

Maneiras lúdicas, jogos, slides, quiz... Mas nunca deixando a parte teórica de lado, pois é a mais importante [sic] (L28).

Diante disso, para os participantes da pesquisa, os recursos lúdicos podem ser interessantes, pois se apresentam como ferramentas diferenciadas para trabalhar a temática, de forma que os alunos possam se sentir mais confortáveis com a aula. Ademais, eles estarão inseridos de forma ativa nas aulas, sendo esse um aspecto importante para o desenvolvimento do aluno.

De acordo com Souza (2007, p. 111), os recursos didáticos se configuram como “todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”, assim, materiais como jogos, músicas, filmes, entre outros são considerados recursos didáticos. São instrumentos utilizados em sala de aula com o objetivo de criar, induzir, refletir, despertar diferentes interesses, motivar, sintetizar conhecimentos e propiciar vivências culturais, enriquecendo a prática docente (BRASIL, 1998).

A escolha de qual material usar, dependerá de alguns fatores, como: o olhar do professor a respeito daquele recurso, com qual finalidade ele será executado, a faixa etária dos alunos e sua aceitação acerca do recurso (FREITAG, 2017). Por isso, é de suma importância que o professor esteja apto para trabalhar o tema, de forma que consiga encontrar o melhor caminho e os melhores recursos didáticos para estimular a aprendizagem dos alunos de forma variada.

Ainda sobre o trabalho de Abreu (2017), outra aula foi realizada com objetivo de demonstrar que é possível trabalhar a temática com o auxílio de recursos didáticos. Assim, foram apresentadas ideias de aulas para os alunos onde eles puderam conhecer inúmeras possibilidades de trabalhar o tema, servindo de exemplo para que eles pudessem elaborar a atividade avaliativa final da disciplina: a elaboração de uma aula sobre Educação Sexual para os anos finais do Ensino Fundamental, sendo necessária a produção e utilização de um recurso didático.

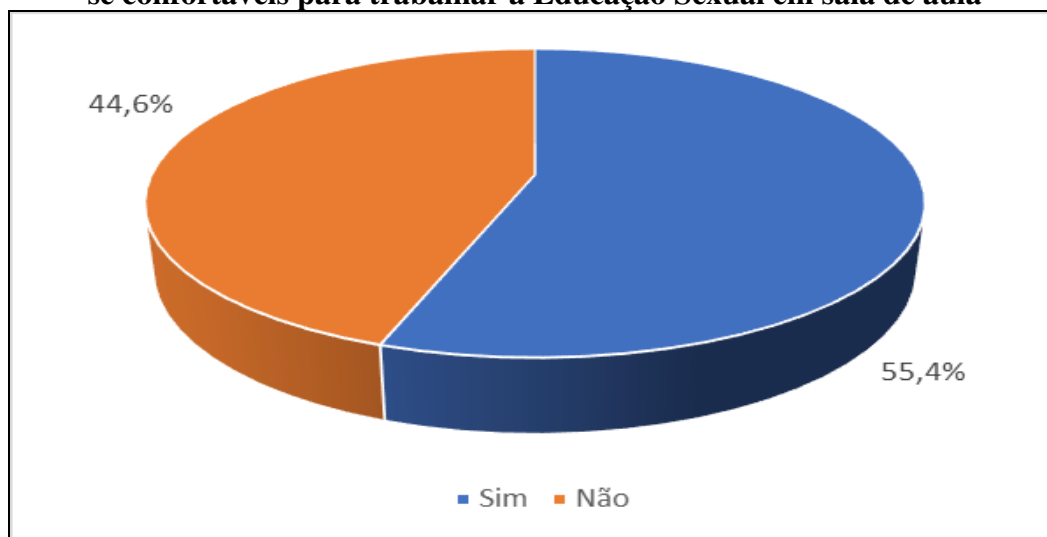
Uma das propostas (Diversidade e Gênero – Árvore de Qualidades) objetivou compreender o significado de diversidade e gênero, aprendendo a respeitar as diferenças. Assim, pedaços de papéis foram distribuídos e neles foi solicitado que os alunos descrevessem as características físicas e



psicológicas da pessoa que lhe foi designada e, no fim, seria elaborado um bilhete em formato de folha de árvore para um colega da sala contendo um elogio pelo seu modo de ser, enfatizando suas qualidades (ABREU, 2017). Outra atividade proposta pelos alunos foi o “Jogo da Contracepção”, destinado a alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, cujo objetivo foi estimular os conhecimentos acerca dos diversos tipos de métodos contraceptivos, facilitando a compreensão de seus modos de uso. De acordo com os alunos participantes da pesquisa de Abreu (2017), recursos diferenciados poderiam contribuir para a implementação da Educação Sexual na escola, com leveza e dinamicidade.

Pouco mais da metade dos participantes desta pesquisa respondeu positivamente à questão nove, que buscava saber se os licenciandos sentiam-se confortáveis para trabalhar a temática em sala de aula (Gráfico 1).

**Gráfico 1 - Sobre os licenciandos sentirem-se confortáveis para trabalhar a Educação Sexual em sala de aula**



Fonte: Elaboração própria.

Esse dado sugere a necessidade de oferecer uma melhor formação para os licenciandos. Oliveira (2000, p. 108) relata que “os professores não têm sido preparados para uma prática pedagógica que inclua a sexualidade como conteúdo de ensino”. Guimarães (1992) destaca que é fundamental que os cursos de formação de professores os preparem para que estejam aptos a trabalharem questões teóricas relacionadas à sexualidade humana. Silva e Megid Neto (2006) ponderam que os próprios professores são conscientes da falta de preparo e da importância desta formação, apontando a necessidade da inserção de temáticas voltadas para a vida sexual nos cursos de graduação, dando abertura para diálogos que permitem que os alunos repensem suas concepções e ampliem seus conhecimentos acerca da sexualidade humana.

Perguntados sobre como abordariam a temática em sala de aula (questão 10), alguns



licenciandos participantes da pesquisa afirmaram que por meio de recursos variados, como apresentado a seguir:

Um boneco de corpo humano e mostraria os alunos as partes do corpo, e com desenhos educativos (L10).

Com rodas de conversar, optaria por separar meninas dos meninos, pois acho que ambos se sentiriam confortáveis para falar só em um ambiente em que só um gênero estivesse presente! Apresentaria casos reais, dependendo da idade que estaria abordando o tema! Assim como, traria profissionais para participar dessas rodas de conversa, como psicólogos, médicos voltados a área [sic] (L16).

Eu chamaria um médico especialista para me ajudar a falar sobre o assunto, para que a aula se tornasse diferenciada e os alunos entendessem melhor a importância desse tipo de educação. E daria espaço de fala para os alunos tirarem suas dúvidas. Os alunos teriam que pesquisar a respeito de algum tema envolvendo educação sexual com ajuda dos pais (L19).

Com perguntas corriqueiras do dia dia [sic] (L27).

Desde a importância da escolha de um parceiro até a gravidez, iria ver se conseguiria uma psicóloga pra estar junto, para auxiliar nas respostas e perguntas dos alunos [sic] (L30).

Para falar desta temática, é necessário um treinamento e capacitação para lidar com o assunto, ir acrescentando o assunto de acordo com as faixas etárias (L34).

Conforme observado nas respostas acima, muitos responderam que convidariam outros profissionais para ajudá-los a trabalhar o tema. Um trabalho multidisciplinar é de suma importância, porém, nesse caso pode demonstrar insegurança por parte dos futuros professores em trabalhar o tema em sala de aula sozinhos. Tal condição sugere um problema de formação inicial que reflete em hesitação na abordagem da temática, levando-os a buscar auxílio de outros profissionais.

Essa questão é corroborada pelos dados do Gráfico 2 (questão 11), que apontam que 69,6% dos licenciandos participantes da pesquisa consideram que não receberam, por meio das disciplinas ofertadas na graduação, formação necessária para abordar o tema Educação Sexual em sala de aula.

Essa afirmação converge com as ideias de Maia (2004) e Felipe e Guizzo (2004) que relatam que não há, nos cursos de formação inicial a disciplina Sexualidade Humana, além de poucas iniciativas pensarem em incluí-la. Além disso, Frison (2002) apud Leão, Ribeiro e Bedin (2010 p. 10) afirma que “a escassez de cursos específicos em orientação sexual dificulta o trabalho do professor, pois é preciso que ele esteja disposto a trabalhar esse assunto, que se sinta preparado para fazê-lo”. Reis e Ribeiro (2002, p. 94) consideram que

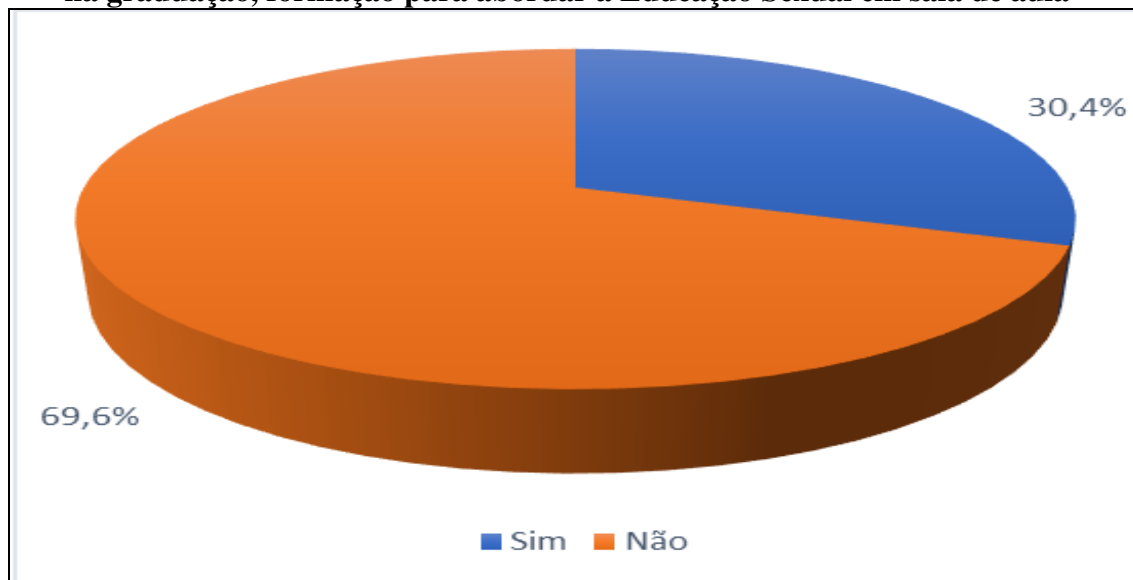
é fundamental, portanto, investirmos na formação do profissional que realizará o trabalho de orientação sexual em sala de aula, proporcionando ao professor acesso a todo o conhecimento científico que é produzido em torno da sexualidade, levando-o a conhecer o desenvolvimento da criança e do adolescente, e a se atualizar na sua área de atuação, enfim, que seja preparado à luz da ciência para exercer um trabalho que se propõe não diretivista.

A décima segunda questão buscou identificar como os licenciandos avaliam seu conhecimento



relacionado à Educação Sexual. Os dados foram organizados em três categorias: bom, regular e pouco conhecimento.

**Gráfico 2 - Sobre terem recebido, por meio das disciplinas oferecidas na graduação, formação para abordar a Educação Sexual em sala de aula**



Fonte: Elaboração própria.

- **Bom conhecimento acerca da Educação Sexual:**

Nota 8 (L1).

Muito bom (L5).

Bom. Adequado para poder passar um bom conhecimento para os alunos (L7).

Muito bom, tive muita base de minha mãe para me ensinar (L10).

O suficiente para compartilhar com outras gerações (L13).

Satisfatório, porém sem muito respaldo na didática para abordar tal tema (L25).

É um conhecimento bastante rico, devido as palestras e cursos que tivemos fora das disciplinas obrigatórias (L27).

Amplio, pois trabalho na área da saúde (L29).

Eu diria 9 pois ser professor é nunca saber tudo e sempre buscar conhecer mais (L31).

Ótimo (L32).

Tenho um bom conhecimento sobre educação sexual, mas sempre há conteúdos a se aprender (L33).

Avalio com bom através dos conhecimentos obtidos na UFF (L35).

Bom, é um assunto que eu sempre procuro informações principalmente por lidar com adolescentes na família. Óbvio que sempre existe a possibilidade de aprimorar mais o conhecimento, por isso não avalio como ótimo (L37).

Bom (L38).

Acredito que é um conhecimento bom, mas admito que o assunto é complexo e ainda tenho



coisas para aprender (L43).

Bom (L44).

Conhecimento bom (L45).

Acredito ter um bom conhecimento sobre o tema (L48).

Ótimo (L49).

(Nota) 8 (L52).

Alto (L54).

- **Regular conhecimento sobre Educação Sexual:**

Sei o necessário, mas como disse a cima não sei ao certo como abordar esse tema para os alunos [sic] (L2).

Razoável, porém preciso buscar mais conhecimentos na área (L3).

Intermediário. Pois a cada dia os alunos tem novos questionamentos, principalmente sobre questões de gêneros e opções sexuais. O professor sempre deve buscar mais a cada dia [sic] (L6).

Regular, devo melhorar (L9).

Razoável (L11).

Razoável, pois tenho que me aprofundar mais no tema (L12).

Médio (L14).

É sempre bom aprender mais. O diálogo é uma ferramenta fundamental (L15).

Brando, posso aprimorar mais nesse assunto! (L16).

Mediano (L18).

Mediano, sei o básico que aprendi na escola (L20).

De forma geral, mediano (L22).

Razoável (L23).

Regular (L26).

Mediano (L34).

Mediano, talvez (L39).

Mediano, na faculdade ou na escola tive pouca instrução sobre o assunto, mas eu gosto de me manter informada (L40).

Hoje conhecimento pelo o cotidiano obtido [sic] (L41).

Mediano (L42).

Intermediário, levando em conta que não tive aulas de educação sexual na escola, e todo conhecimento que tenho hoje são oriundos de rodas de conversa entre amigos, internet e palestras (L46).

Um conhecimento médio, logo que é um tema muito amplo (L51).

Médio (L53).

Médio (L55).



- **Pouco conhecimento sobre Educação Sexual:**

Bem vago (L4).

Bem básico, pois foi pouco tratado nas minhas disciplinas (L8).

Bem pouco de conhecimento, em sala de aula nunca era falado esse assunto (L17).

Básico (L19).

Não o suficiente para ministrar aulas sobre o assunto (L21).

Não sei responder (L24).

Ainda bem básico, aprendendo diariamente (L28).

Pouco (L30).

Considero ainda pouco precisaria entender mais sobre o assunto (L36).

Baixo (L47).

Pouco, tudo com base no que eu pesquisei. Quase nada aprendido nas escolas (L50).

Fraco (L56).

Majoritariamente, os licenciandos avaliam o conhecimento sobre Educação Sexual como regular (40,1%) ou ruim (21,4%) e descrevem que precisam obter mais conhecimentos para trabalhar a temática. Como afirma L21, seus conhecimentos não são suficientes para ministrar aulas sobre o assunto. Além disso, de acordo com as respostas de L40 e L46, todo conhecimento acerca da temática adquirida, foi decorrente de pesquisas fora do ambiente educacional, reafirmando, mais uma vez, que o tema não é abordado de forma significativa na formação desses licenciandos o que, conseqüentemente, dificultará sua abordagem nas escolas.

De acordo com Giovani (1998), a formação inicial não garante que existam condições necessárias para a continuidade do desenvolvimento profissional, individual e coletivo. Sendo importante que os licenciandos estejam conscientes da importância da formação continuada. Contudo, é um primeiro contato com a temática do ponto de vista de um licenciando. Nesse sentido, é de suma importância que a formação do professor, quando voltada para as questões da sexualidade humana, contribua para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, com vista a melhorias na qualidade de ensino na Educação Básica (FIGUEIRÓ, 2006).

Além disso, Quirino e Rocha (2012) relatam que a inserção da Educação Sexual na sala de aula por parte dos professores ainda sofre resistência. Para o docente desenvolver um trabalho efetivo em relação à temática, é fundamental que esteja preparado, de forma que se sinta seguro e promova discussões a respeito do desenvolvimento da adolescência, de acordo com uma percepção social, mental e fisiológica dos diferentes gêneros (ARAÚJO, 2005).

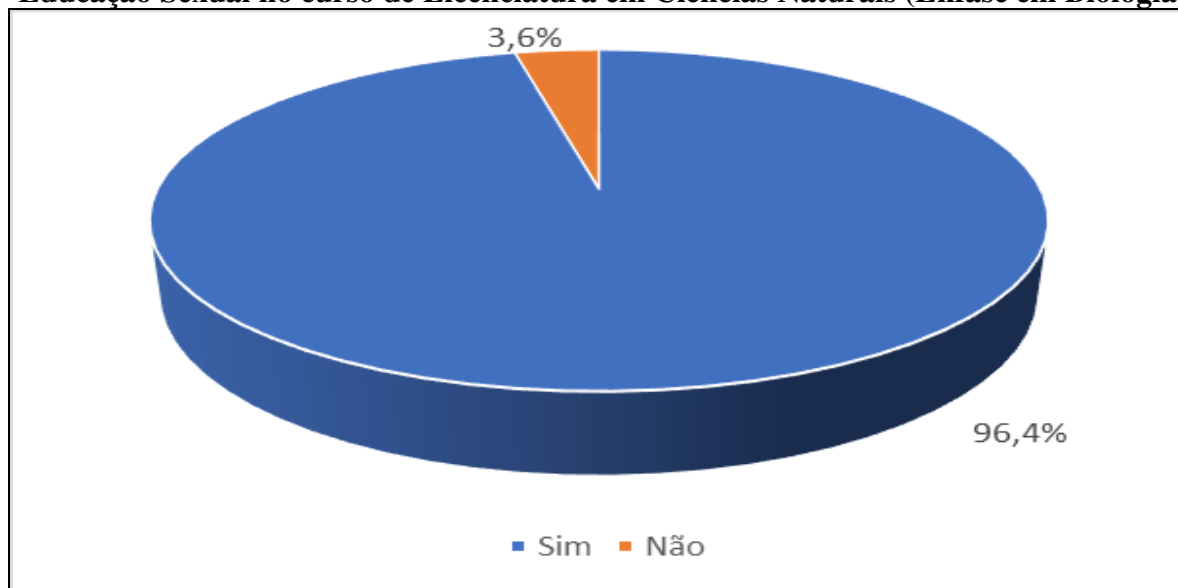
Vale destacar que, conforme justificam Arruda e Cavasin (1999, p. 197), “mais importante que o material, é o educador que trabalha com ele”. Dessa forma, independente de qual for o material, é



importante que os profissionais estejam preparados e aptos para trabalharem a Educação Sexual. Isso porque, o que garante fontes de conhecimento não é apenas o material utilizado, mas, principalmente, a atuação do docente e o uso que faz dele.

Corroborando com esses dados, temos que quase a totalidade dos alunos (Gráfico 3) sinaliza a necessidade de uma disciplina específica que trate de temas relacionados à Educação Sexual no curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) (Questão 13). Fica evidente, portanto, a importância da criação de uma disciplina específica, de forma a contribuir para uma melhor formação. Bonfim (2010) destaca que é fundamental que aconteça a inserção, na matriz curricular de todos os cursos de formação de professores, de disciplinas que debatam a Educação Sexual. Além disso, Braga (2009) defende ser importante a experiência dos professores em cursos de formação. Isso porque, proporcionam discussões e trocas de experiências sobre a temática e podem ajudar os docentes em sua prática profissional.

**Gráfico 3 - Sobre a necessidade de uma disciplina específica acerca da Educação Sexual no curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia)**



Fonte: Elaboração própria.

Como observado na literatura, vários autores (e.g. BRAGA, 2009; BONFIM, 2010) consideram relevante que a Educação Sexual, enquanto disciplina, esteja presente no currículo dos cursos de licenciatura, contribuindo para a formação de professores, de forma crítica. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta uma proposta de disciplina optativa, tendo como base para sua elaboração o Curso de Extensão “Conflitos da Adolescência”, com vistas a uma melhor formação inicial dos licenciandos acerca de temas relacionados à Educação Sexual.

A disciplina proposta, “Tópicos em Educação Sexual” (Quadro 2), tem carga horária total de 30



horas. Dentre seus objetivos, destacam-se: (i) proporcionar aos licenciandos reflexões sobre temas direcionados à Educação Sexual, contribuindo para a apropriação de maior conhecimento acerca da temática, elevando o nível do processo formativo do indivíduo e (ii) avaliar, por meio das políticas educacionais, quais são os maiores desafios e benefícios decorrentes da implementação da Educação Sexual nas escolas.

**Quadro 2 - Disciplina**  
**“Tópicos em Educação Sexual”, proposta no presente trabalho**

CONTEÚDO DE ESTUDOS		CÓDIGO
Tópicos em Educação Sexual		
NOME DA DISCIPLINA	CÓDIGO	criação (X) ALTERAÇÃO: NOME ( ) CH ( )
Tópicos em Educação Sexual		
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO: DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS, BIOLÓGICAS E DA TERRA - PEB		
CARGA HORÁRIA TOTAL: 30 HORAS      TEÓRICA: 30H      PRÁTICA:      ESTÁGIO:		
DISCIPLINA: OBRIGATORIA ( )      OPTATIVA (X)		
OBJETIVOS DA DISCIPLINA:		
Oportunizar a reflexão e a discussão acerca de temas relacionados à Educação Sexual. Contribuir para o reconhecimento da importância da Educação Sexual no processo formativo do indivíduo. Analisar a formação e o papel do professor como educador sexual. Avaliar à luz das políticas educacionais os desafios e benefícios da implementação da Educação Sexual no cotidiano escolar. Fomentar a discussão sobre aspectos relacionados à saúde sexual.		
DESCRIÇÃO DA EMENTA:		
Fundamentos básicos da Educação Sexual. Aspectos históricos da Educação Sexual. Perspectivas contemporâneas de Educação Sexual. Educação Sexual e cotidiano escolar. A Educação Sexual nos documentos oficiais da Educação brasileira. Educação Sexual e Saúde.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:		
FIGUEIRÓ, M.N.D. (Org.). <b>Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum</b> . Londrina: UEL, 2007. FIGUEIRÓ, M.N.D. <b>Educação Sexual: saberes necessários a quem educa</b> . Curitiba: CRV, 2018. RIBEIRO, M. (Org.) <b>A conversa sobre sexualidade na escola – da Educação Infantil ao Ensino Médio</b> . Rio de Janeiro: WAK Editora, 2021.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:		
FIGUEIRÓ, M.N.D. <b>Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível</b> . Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006. PEREIRA, J.L. (Org.); FANELLI, C.M.T. (Org.); PEREIRA, R.C.R. (Org.); RIOS, S.P.S. (Org.) <b>Sexualidade na Adolescência no Novo Milênio</b> . Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. MOTA, A. (Org.); Rocha, R. (Org.). <b>Sexualidade na adolescência e escola</b> . Rio de Janeiro: Nova Pesquisa, 2008.		
DISCIPLINA OFERECIDA PARA O(S) SEGUINTE(S) CURSO(S): LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS		
COORDENADOR		CHEFE DE DEPTO
DATA ____/____/____		DATA ____/____/____

Fonte: Elaboração própria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos na presente pesquisa corroboram com os disponíveis na literatura, que destacam que uma boa formação inicial dos professores é de suma importância para a abordagem de



temas referentes à Educação Sexual. A presente pesquisa constatou que os licenciandos participantes reconhecem os obstáculos que dificultam a efetivação da Educação Sexual em sua prática profissional, seja pelo receio trazido por seus tabus, bem como aqueles presentes na sociedade, seja por não se sentirem aptos para trabalhar o tema em sala de aula, uma vez que demonstraram ter uma rasa formação acerca da temática.

Importante salientar que, embora temas como gênero, diversidade sexual, gravidez precoce, métodos contraceptivos e outros relacionados à sexualidade ainda sejam considerados tabus em nossa sociedade, é de fundamental importância que os professores estejam preparados para abordá-los no ambiente escolar. Nesse sentido, é feita a defesa e proposta de inserção de uma disciplina na matriz curricular, com vistas à uma melhor formação desses licenciandos, futuros professores de Ciências e Biologia.

Dessa forma, esperamos que o presente trabalho contribua para a necessária atenção à Educação Sexual nos cursos de licenciatura, particularmente o de Ciências Naturais (Ênfase em Biologia) do INFES-UFF, e corrobore com as reflexões/discussões relacionadas à implementação da temática em suas matrizes curriculares. Ademais, novas pesquisas devem ser realizadas e aprofundadas a partir dos dados apresentados no presente trabalho, analisando a estrutura curricular também de outros cursos de formação de professores e as concepções dos professores formadores, a fim de avaliar a aptidão dos licenciandos para o trabalho com Educação Sexual e, conseqüentemente, contribuírem para o enfrentamento dos atuais (e futuros) desafios, bem como na busca por possibilidades para uma implementação efetiva e de qualidade da Educação Sexual não apenas no Ensino Superior mas, principalmente, na Educação Básica.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. R. L. **Educação Sexual e a Formação de Professores**: Uma Proposta para a Formação Inicial dos Licenciandos em Ciências Naturais (FUP) (Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências). Brasília: UnB, 2017.

ALTMANN, H. “Diversidad sexual y educación: desafíos para la formación docente”. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 13, 2013.

APOLINÁRIO, P.; RICHARTZ, T. “Educação sexual a partir dos parâmetros curriculares: cultura e corpo”. **Anais do VII Simpósio Mineiro de Gestão, Educação, Comunicação e Tecnologia da Informação**. Varginha: UNIS, 2021.

ARAÚJO, S. S. M. M. “Educação sexual: para além dos tabus”. **Revista ABC Educatio**, vol. 6, n. 44, 2005.



ARRUDA, S.; CAVASIN, S. “Sexualidade e materiais educativos”. *In*: RIBEIRO, M. **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Editora Gente, 1999.

BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. “Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica”. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, vol. 9, n. 19, 2019.

BARCELOS, N. N. S.; JACOBUCCI, D. F. C. “Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia”. **Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias**, vol. 10, n. 2, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora Edições 70, 2011.

BARROS, M. P. *et al.* “A importância de não se negligenciar o gênero e a sexualidade na formação inicial em Pedagogia”. *In*: BARROS, M. P. (org.). **Educação e Gênero**: Estudos Multidisciplinares. Boa Vista: Editora IOLE, 2022.

BERTOLLO, L. P. G. *et al.* “Educação Sexual e Reprodutiva para adolescentes como educação entre pares: avaliação de uma experiência de extensão universitária”. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, vol. 9, n. 2, 2018.

BONFIM, C. R. S. “Educação sexual: contradições, limites e possibilidades”. **Filosofia e Educação**, vol. 2, n. 2, 2010.

BRAGA, E. R. M. “Sexualidade infantil: a importância da formação de professores(as) na questão de gênero”. *In*: CARBELLO, S. R. C.; COMAR, S. R. (orgs.). **Educação no século XXI**: Múltiplos desafios. Maringá: Editora da UEM, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 03/02/2023.

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola**: reconhecer diferenças e superar diferenças. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 03/02/2023.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília: Planalto, 1990. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 03/02/2023.

BRASIL. **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Brasília: Planalto, 2014. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 03/02/2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: Ministério da Educação, 1998. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 03/02/2023.

BUENO, K. C.; FRANZOLIN, F. “A utilização de recursos didáticos nas aulas de ciências naturais nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Florianópolis: UFSC, 2017.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e Infância(s)**: A sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1999.



CAMPOS, I. C.; MIRANDA, J. C. “Educação Sexual nas escolas: uma necessidade urgente”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 12, n. 34, 2022.

CASTOLDI, R.; POLINARSKI, C. A. “A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem”. **Anais do I Simpósio Internacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**. Ponta Grossa: UFTPR, 2009.

CERTEZA, L. M. “A sexualidade da pessoa com deficiência”. **Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência**. São Paulo: Editora da USP, 2013.

CIRÍACO, N. L. C. *et al.* “A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas”. **Em Extensão**, vol. 18, n. 1, 2019.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. “Entre batons, esmaltes e fantasias”. *In*: MEYER, D.; SOARES, R. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

FIGUEIRÓ, M. N. D. “Educação Sexual: como ensina no espaço da escola”. *In*: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: Editora da UEL, 2009.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: Editora da UEL, 2006.

FREITAG, I. H. “A Importância dos Recursos Didáticos para o Processo Ensino-Aprendizagem”. **Arquivos do Mudi**, vol. 21, n. 2, 2017.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

GESSER, M. *et al.* “Docência e Concepções de Sexualidade na Educação Básica”. **Psicologia e Sociedade**, vol. 27, n. 3, 2015.

GIOVANI, L. M. “Do professor informante ao professor parceiro: reflexões sobre o papel da universidade para o desenvolvimento profissional de professores e as mudanças na escola”. **Cadernos Cedes**, vol. 19, n. 44, 1998.

GODOY, D. A. “Educação em Sexualidade no Brasil: um tour histórico e seus importantes desdobramentos para a formação do educador e do desenvolvimento da área na educação escolar”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, vol. 20, n. 2, 2018.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. “Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios”. **Holos**, vol. 5, n. 29, 2013.

GUIMARÃES, C. R. P. **O descaso em relação à educação sexual na escola: estudo de manifestações de futuras professoras de 1ª a 4ª série de 1º. Grau (Dissertação de Mestrado em Educação)**. São Carlos: UFSCar, 1992.

JANEIRO, J. M. “Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola?” **Revista Gaúcha de Enfermagem**, vol. 29, n. 3, 2008.

KERNTOPF, M. R. *et al.* “Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura”. **Adolescência e Saúde**, vol. 13, n. 2, 2016.



LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 2010.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M., BEDIN, R. C. “Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores”. **Revista Linhas**, vol. 11, n. 1, 2010.

LIMA, E.; ALMEIDA, G. B. “Educação sexual e práticas pedagógicas”. **Anais do IV Colóquio de História “Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade”**. Recife: FASA, 2010.

LORENZI, F. **Educação sexual na formação do/a pedagogo/a no estado do Paraná** (Dissertação de Mestrado em Educação). Francisco Beltrão: Unioeste, 2017.

MAIA, A. C. B. “Orientação sexual na escola”. In: RIBEIRO, P. R. M. (org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias.** São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2004.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. “Educação Sexual: princípios para ação”. **DOXA: Revista Paulista de Psicologia e Educação**, vol. 15, n. 1, 2011.

MATANÓ, M. S. C. **Orientação sexual: projeto de ação pedagógica da rede municipal de ensino de São Paulo (1978-1982)** (Dissertação de Mestrado em Educação), São Paulo: PUC-SP, 1990.

MIRANDA, J. C. “Adolescência e vida sexual: o retrato de uma escola pública da região metropolitana do Rio de Janeiro”. **Revista de Saúde e Biologia**, vol. 8, n. 2, 2013.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. “Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do Ensino Fundamental”. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, vol. 44, n. 1, 2010.

OLIVEIRA, D. L. “Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico?”. In: MEYER, D. E. E. (org.). **Saúde e sexualidade na escola: isto não é coisa de médico?** Porto Alegre: Editora Mediação, 2000.

OLIVEIRA, P. N. **A sexualidade em adolescentes no ambiente escolar** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia). Atibaia: UNIFAAT, 2020.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1992.

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. “Sexualidade e educação sexual na percepção docente”. **Educar em Revista**, n. 43, 2012.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. “A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais”. In: RIBEIRO, P. R. M. (org.). **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão.** São Paulo: Editora Laboratório Editorial FCL, 2002.

REIS, V. L.; MAIA, A. C. B. “Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: um levantamento bibliográfico”. **Cadernos de Educação**, vol. 41, 2012.

RODRIGUES JÚNIOR, O. M. “Os conflitos sexuais na adolescência”. In: RIBEIRO, M. (org.). **Educação sexual: novas ideias, novas conquistas.** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

RODRIGUES NETO, A. “Educação em Sexualidade na Europa e as sexualidades interseccionais do Brasil”. **Revista Estudos Feministas**, vol. 30, n. 1, 2022.



RODRIGUES, A. R. F.; SALLES, G. D. “Educação Sexual, Gênero e Diversidade Sexual: formação de professoras e alunas multiplicadoras como metodologia de ensino”. **Anais do II Simpósio Gênero e Políticas Pública**. Londrina: UEL, 2011.

RONCA, A. C. C.; ESCOBAR, V. F. **Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação?** Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. “Educação sexual na escola”. **Pediatria**, vol. 22, n.1, 2000.

SANTOS, A. L. R. *et al.* **Educação Sexual no Ambiente Escolar** (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia). Betim: Centro Universitário UNABETIM, 2021.

SILVA, R. C. P.; MEGID NETO, J. “Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas”. **Ciência e Educação**, vol. 12, n. 2, 2006.

SILVEIRA, J. M.; PEREIRA, J. A. “Violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes: possibilidades de atuação das instituições escolares”. **Anais do I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação**. Naviraí: UFMS, 2017.

SOUZA, D. G. **Análise da Implementação do PIBID Ciências Naturais pela Universidade Federal Fluminense, no período de 2014 a 2015** (Dissertação de Mestrado em Ensino). Santo Antônio de Pádua: UFF, 2018.

SOUZA, E. J.; SILVA, J. P.; SANTOS, C. “Educação Sexual na Escola: Concepções e modalidades didáticas de docentes sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual”. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, vol. 3, n. 3, 2015.

SOUZA, S. E. “O uso de recursos didáticos no ensino escolar”. **Anais do I Encontro de Pesquisa em Educação**. Maringá: UEM, 2007.

UFF - Universidade Federal Fluminense. **Projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Ênfase em Biologia)**. Santo Antônio de Pádua: UFF, 2018.

UNFPA - United Nations Population Fund. **Fecundidad y maternidade adolescente en el Cono Sur: apuntes para la construcción de una agenda común**. Santiago: Fondo de Población de las Naciones Unidas, 2016.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. “Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública”. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 22, n. 69, 2017.

WHO - World Health Organization. **Global health sector strategy on sexually transmitted infections 2016-2021: Towards ending STIs**. Geneva: WHO, 2016.

ZOMPERO, A. F.; LEITE, C. M.; GIANGARELLI, G. C.; BERGAMO, M. C. “A temática sexualidade nas posturas Curriculares no Brasil”. **Revista Ciências e Ideias**, vol. 9, n. 1, 2018.



## **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**

Ano V | Volume 13 | Nº 38 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

### **Editor chefe:**

Elói Martins Senhoras

### **Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### **Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima